

Aprender um método para viver

Notas de algumas colocações durante as assembleias de Escola de Comunidade realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo no mês de junho de 2017. O tema foi a Introdução dos Exercícios da Fraternidade de CL, e nestes trechos selecionados enfatizamos a questão do “método”. Os encontros foram conduzidos por Marco Montrasi (Bracco), responsável pelo Movimento Comunhão e Libertação no Brasil.

Colocação: *Este ano foi muito difícil pra mim, devido a problemas familiares e outros. Eu me aposentei no ano passado, perdi pessoas queridas, e assim a dor, luto, tomava conta de mim. Diante disso me vi desmotivada, distante e vivendo um isolamento de mim, dos amigos e de Deus. Neste recolhimento, nada tinha mais sentido, perdi minhas forças e comecei a questionar tudo, até minha fé e o Movimento, que conheci desde 2005. Os amigos me procuravam e me convidavam para me juntar a eles, mas nada me movia. No início decidi não ir aos Exercícios da Fraternidade, mas repensei e fiz minha inscrição. Na semana do retiro não sentia vontade de ir, mas algo dentro de mim dizia o quanto este momento seria bom para mim, mas eu não reagia. Quando falei com uma amiga e meu grupo de Escola de Comunidade sobre não ir, eles me escreveram e pediram para repensar, pois ficar em casa não resolveria os problemas. Então decidi e fui. Pedi que esse momento fosse diferente, que me transformasse, então me empenhei, conversei mais, fiquei junto dos amigos, compartilhei com alguns a minha apatia diante da vida, pois cansei de viver fazendo as coisas por fazer. Na primeira palestra fixei uma frase do encontro: “Meu coração é feliz porque Tu, Cristo, vives”. E eu falava: “Eu quero sentir isso de verdade dentro de mim. Quero viver esta alegria na minha vida”. O Carrón falava de tudo o que eu sentia, do mecanismo da oração e do viver; da dificuldade do perdão para conosco; da nossa pobreza; da liberdade de seguir Cristo. Eu me dei conta que sem um empenho meu, minha liberdade e meu sim não são verdadeiros. Depois daquele fim de semana senti de volta esperança. Nasceu o desejo de seguir e conhecer melhor o lugar que encontrei e que me educa a olhar para a minha vida e para Cristo. O retiro me fez lembrar do amor que Ele tem por mim, mas que eu havia esquecido. Sei que é um caminho, reconheço as minhas limitações e dificuldades, mas fico feliz com a minha sede e desejo de felicidade. Começo a entender melhor o sentido das palavras “gratidão” e “seguir”.*

Bracco: Obrigado! Quando ouvi você contar isso me pareceu com o que ouvimos na Escola de Comunidade com Carrón do dia 24 de maio. A certo ponto, um menino falou, e Carrón respondeu: “Agradeço a você por ter tido a liberdade de dizer essas coisas”. Esse é o primeiro sinal de que está acontecendo alguma coisa, porque é muito fácil que carreguemos uma máscara, é difícil chegar aqui e ser verdadeiramente como somos. Essa é a primeira coisa fantástica: que possa acontecer de alguém me deixar livre para eu ser como eu sou, com todas as minhas feridas, não como eu deveria ser, como os outros gostariam que eu fosse, como eu gostaria de ser, mas não sou. Que possa haver um lugar, que possam haver momentos, onde eu não tenho medo de ser o que eu sou. Quando acontece isso é um milagre. É a experiência que mais temos que desejar. O que temos de pedir é que cada um de nós seja aquilo que é, com toda a ferida que tem.

E ele fala: “Agradeço a você por ter tido a liberdade de dizer essas coisas, com todas as dificuldades que colocou. Porque cada um de nós poderia dizer o que você disse. Não estamos falando de um mundo ideal”. Quando a gente se encontra, quando fazemos a Fraternidade, a Escola de Comunidade, não estamos falando de um mundo ideal. Não! “Estamos falando do mundo real, onde, apesar de termos feito um encontro tão decisivo como o encontro com Cristo na vida e no Movimento, podemos nos afastar e procurar outra coisa. O encontro não fecha a questão”. Precisamos ter a liberdade, a simplicidade, de não ter medo de reconhecer isso. Porque nós, mesmo depois do encontro, sentindo o coração vibrante, quantas vezes procuramos outra coisa; hoje, eu procurei outra coisa. Nós não temos que ter medo de ver a nossa vida real, a vida real, não aquela

ideal. Desejar aquela coisa, mas não ter medo de olhar também como é a nossa vida real, que é feita desse se afastar também. “Porque o encontro não fecha a questão”.

Isso aqui pode ser algo que te alarma, mas depois se torna a coisa mais bonita, porque: “como dizia o Papa Bento XVI, falando de Santo Agostinho (que aprontou algumas), a vida é um caminho nem sempre linear. Se aconteceu com Santo Agostinho, pode acontecer também conosco. Portanto, não precisamos nos escandalizar com nada (...)”, e aqui o Carrón fala: “Não precisamos nos escandalizar com nada, mas ver como as nossas tentativas de reduzir o que nos aconteceu e de nos contentarmos com outra coisa não bastam, é inútil”. Temos que olhar para isso: quando eu me afasto, me basta?

Então, um exemplo de método é isso: alguém que te fala que não devemos nos escandalizar quando isso nos acontece. Eu, que quando me acontece algo, logo tento abafar, esquecer. Então, o exemplo que Carrón faz é assim: “Isso nos dá esperança de que, embora possamos passar por momentos como os que foram descritos, experimentamos algo tão correspondente – como para o filho pródigo, ter uma casa, ter um pai, ter uma certa experiência da vida – que, quanto mais nos distanciamos, mais ele emerge à nossa consciência na sua diversidade”. Então, tem alguém que confia tanto em mim que me fala para eu não ter medo porque, se você for leal, quanto mais você se afasta, se verifica isso, mais vai poder saborear novamente aquilo que você tinha vivido. É por isso que o filho pródigo teve o desejo de voltar, porque, a um certo ponto, ele teve um momento de verdade e sentiu o sabor de quando estava com o pai e veio a saudade de voltar para casa. Isso é o que temos que experimentar sempre, não de ter o medo de não me afastar, o medo de não fazer tudo certinho. Não! Verifique, verifique tudo, mesmo quando você se afasta. E quando tiver um pouco dessa lealdade, da qual o Carrón fala, é impossível você não começar a sentir o sabor daquilo que você tinha deixado. Isso gera a saudade que te faz voltar, da qual falou nossa amiga agora.

Por que o filho pródigo voltou? Porque tinha feito a experiência, verificou isso dentro daquele momento que estava vivendo. Essa é a questão do método. Imaginem que coisa: alguém pode falar uma coisa dessas e testemunhar esse percurso.

Colocação: O que vou dizer é uma coisa muito simples, porque se realmente a gente não está atento, a gente segue a mentalidade comum sobre as coisas, mas falta o essencial. Por isso eu tenho pensado muito na importância dessa questão do método. Por exemplo, diante de uma situação de trabalho que me deixa irritado, posso mandar tudo para o alto e levar de qualquer jeito, ou posso olhar e verificar tudo o que já vivi e vivo. Para você estar bem com as circunstâncias que Deus te dá, inteiro. Uma circunstância como essa te obriga a olhar para tudo que você já vive e ser profundamente grato: eu tenho um lugar, eu sigo um método.

Depois, que eu fiz de tudo para ir aos Exercícios, e fui porque eu não podia perder. E quando o Carrón começou a falar, seguindo o Papa, da pobreza, e quando você começa a se dar conta da sua exigência humana, do que nós desejamos de verdade, o coração grita as nossas necessidades para você se dar conta de que precisa de alguém, precisa Dele, de Cristo. E eu me dava conta: Qual o lugar que mais me ajuda a reconhecer Cristo de verdade? O problema não são os outros, porque muitos não tiveram a graça de encontrar um lugar com um método que nos provoque assim, essa é a grande questão.

E eu nunca desejei tanto seguir o Movimento como agora. A realidade provoca, os problemas aumentam, você faz mil coisas e fica cansado, e eu tinha tudo para não vir aqui. Eu vim aqui não porque eu, por ser do Movimento, tenho que fazer tudo certinho, mas porque o meu coração grita. Eu tenho que ir lá e ouvir os meus amigos, porque isso faz toda a diferença. Quando você olha para o caminho que você faz e vê pessoas que vibram e desejam como eu, e nós tivemos a grande graça de encontrar Dom Giussani. Que graça! Não para que eu não fique chateado ou cansado, mas me ajuda a viver de forma inteira aquilo que Ele me coloca, às vezes irritado, mas me obriga a dar um juízo logo: Deus me deu essa realidade para eu vivê-la. Só isso que obriga a retornar a origem, te obriga a se dar conta de todo o caminho que você fez, e não só no passado, o fascínio do passado, mas agora, no presente. É retomar agora, recuperar isso agora. E me faz recuperar essas coisas sem pretender nada.

Então, a primeira coisa é que eu comecei a compreender mais a natureza do desejo e o que é a pobreza – que o Carrón insistiu tanto nos Exercícios. A pobreza, quanto mais você leva a sério a sua humanidade, com toda a riqueza que você já encontrou, todas as suas tentativas, você se dá conta de tantas dificuldades e desafios, e você se dá conta da sua impotência. O que eu tenho? Um coração que grita e um caminho a fazer. E, se eu sou fiel a esse lugar – e eu quero ser fiel sempre, seguindo Dom Giussani, seguindo Carrón – eu posso, de fato, viver a minha vocação agora, com todos os desafios, com tudo aquilo que contém, agora, que me é dado. Mas eu preciso vir aqui, eu preciso ouvir essas coisas, eu preciso retomar essas coisas. Não tem nada pronto, porque não é que o encontro já resolveu tudo, não é a garantia de nada. E o coração grita por um caminho a ser feito, para sermos simples e humildes, e não podemos perder essas coisas.

Colocação: *Eu pensava muito nessa questão de jogar a liberdade. Porque às vezes quando está indo tudo bem, está indo tudo tranquilo, a primeira tentação é não seguir o método: não vou à Escola de Comunidade, vou faltar só hoje; tem a missa do Movimento, mas eu não vou porque ir a outra é igual; não vou às férias e está tudo certo. Mas a outra tentação é essa questão do formalismo que ele fala. Então, eu faço Escola de Comunidade porque eu tenho que fazer; vou à missa porque tenho que ir. É como se essa liberdade não fosse fruto de um trabalho. Por exemplo, a questão das férias do Movimento, a questão de ir aos Exercícios. Pra mim não é igual ir ou não ir. Mas também não quero cair no formalismo: “ah, se todo ano tem os Exercícios, então eu tenho que ir. Ou, já que todo mundo vai, eu também vou. Vai ser legal estar com os amigos”. Parece que a questão do método é uma linha tênue entre a questão do formalismo e o tanto fez tanto faz. Então, quero uma ajuda para entender essa questão do método, que entendo que é o que vence realmente o formalismo.*

Bracco: Tem um trecho, na introdução dos Exercícios da Fraternidade, que ajuda a entrar um pouco mais na pergunta, porque eu acho que é uma questão fundamental para entender. A certo ponto Carrón fala: “E então surge a pergunta: por que diminui o interesse, ao ponto de sentirmos Cristo distante do nosso coração? Por que o crescimento não aumentou a familiaridade com Ele? Porque não basta a espontaneidade – sempre nos disse Dom Giussani –, porque crescer não é um processo espontâneo: é preciso um empenho da liberdade, é preciso um caminho, como foi para os apóstolos ‘a trajetória da convicção’. Deixemo-nos guiar por Dom Giussani nesta renovada tomada de consciência do caminho que nos espera para um amadurecimento da nossa fé. É necessário um empenho da liberdade, acima de tudo para manter aberta a nossa humanidade: a abertura última do espírito [...] é algo em que a pessoa deve se empenhar continuamente”.

A primeira coisa que Dom Giussani falou, entrando na escola, foi: “eu vim aqui para lhes ensinar um método”. Por que é, então, interessante essa questão do método? O que temos que aprender e que Carrón está insistindo tanto? É como se o resumo fosse: o método é o que nos ensina a fazer experiência, é um método da experiência que significa que é o contrário do formalismo. Que tudo aquilo que eu ouço – imaginem a quantidade de palavras que escutamos e aprendemos – possa fazer com que essas palavras sejam uma conquista minha, de dentro de mim. Por exemplo, a liberdade; eu te encontro na rua, te paro e pergunto: o que é a liberdade para você? Então, você começa a buscar no dicionário, no *Google*, e chega Dom Giussani e diz que a liberdade é o relacionamento com o infinito. Mas como é que Dom Giussani nos ajudou? Isso, para nós, poderia ser uma frase, poderia ser algo bonito. Mas o que é essa questão do método? É ter alguém que me fala: “agora você esqueça isso e me fale só aquilo que, dentro da sua experiência, você entendeu”.

Para que nós descobríssemos o que é a liberdade ele começou a dizer: você tem que fazer a experiência de quando se sentiu livre da última vez, e fez todo o percurso. O método é alguém que me ajuda a tirar tudo do formalismo. Porque nós, depois de tanto tempo, podemos nos acostumar com as palavras, com as definições, porém, chega alguém como Carrón, e fala: “Só me fale da sua experiência. Conte um fato no qual você entendeu isso”. Isso é fantástico! Por quê? Porque me obriga a reconquistar dentro de mim, dentro da minha experiência aquilo que talvez ele tenha falado. Não que tenhamos que esquecer aquilo que se ouve. Mas a razão pela qual a gente se

encontra, pela qual ficamos juntos um tempo, é para que aquela coisa se torne minha, dentro da minha experiência. E isso tira do formalismo tudo.

Só que, justamente, é como uma lâmina. Uma lâmina no seguinte sentido: podemos ir a mil Fraternidades, todas as Escolas de Comunidade, e não seguir o método da experiência. Tanto que, se perguntamos: “como foi hoje? O que você aprendeu?”, não sabemos falar nada. Então, acho que essa coisa aqui é muito importante, porque nós não podemos tratar o nosso caminho com leviandade. Porque aquilo que nos aconteceu, que nos abriu, que nos escancarou um dia, não fica aberto automaticamente.

O método é alguém que te ensina o caminho para você chegar sempre na fonte de onde nasce aquela palavra. Se eu não faço silêncio, depois de três dias, eu começo a ver as coisas diferentes, eu me vejo diferente, eu trato as coisas diferente. Por quê? Porque aquele é o momento no qual se escancara em mim tudo novamente, me ajuda a reconquistar tudo novamente. Por isso, depois não é mais interessante. Claro que é um sacrifício, mas não é mais um peso – uma coisa é “um sacrifício”, outra coisa é “um peso”. Depois do sacrifício que é sair de casa, que é estar aqui enquanto se queria ir dormir, quando começa esse momento, quando começa essa experiência, se escancara tudo de tal forma que não se pode não voltar a desejar que reaconteça essa experiência.

É como se as definições, as palavras da vida, voltassem a ser uma fonte, não em mim, mas em você! Não em Dom Giussani, mas em você! Não é só Cristo, mas Cristo em mim. E quando alguém te ensina um caminho para chegar a um lugar bonito, você ama essa pessoa, você a adora, não pode ficar longe dessa pessoa. Não porque a pessoa é linda, mas porque ela começou a te ensinar o caminho que você, sozinho, começou a fazer. É assim que nasce um amor a esse lugar, um amor que você não pode perder, porque senão se torna mais formal tudo, se torna cinza tudo. Então, é como Jesus que fala: “Eu vou te ensinar um método para você me encontrar sempre”. Não é só a pílula. Cristo não te dá a pílula. Ele te dá muito mais, que é o método para que você possa encontrá-lo, se surpreender, quando está sozinho, quando não tem ninguém de nós por perto. A primeira coisa que alguém, que amou a gente, nos ensinou é: olhe a sua humanidade, vá a fundo da sua humanidade, sem a formalidade, porque senão Cristo passa e você não se dá conta. Essa é a grandeza do método. Um amigo contou que teve um problema de saúde e quando ele melhorou foi como um milagre, só que ficou com uma sequela na visão. Então, quando ele tem que atravessar a rua tem que olhar muitas vezes porque não consegue enxergar muito bem. E, um dia, chegou um cego do seu lado, com a bengala. Ele estava lá fazia uns dez minutos tentando atravessar e o cego chegou e atravessou em um minuto, sendo que ele ficou para trás. Ele disse que ficou sem reação, impressionado. E ele falou: “Olha, imagine esse cego como ele deve pensar naquele que o ensinou isso!”. Um método para poder ensinar ao cego a atravessar a rua. E nós também podemos nos tornar cegos, e quando alguém nos ensina o método é algo surpreendente. Estou falando isso porque para mim está sendo uma descoberta fantástica. Que é como redescobrir a grandeza de Cristo de uma forma nova.

Colocação: Gostaria de pedir uma ajuda para entender mais a questão do método. Cristo não necessariamente se propõe, mas propõe um método. Quando se fala de método, a experiência que eu faço é que do outro lado estou eu: o método serve quando alguém segue o método. Na minha experiência, estou percebendo que há uma coisa que tem vindo antes: a insistência que Deus tem para com a minha vida. É lógico que quando eu não sigo o método de Cristo, eu perco, é obvio que é muito menos rico, mas a impressão que estou tendo é que, mesmo nas inúmeras vezes em que eu não sigo o método, Deus não desiste de mim, Deus se repropõe a cada momento e é isso que tem me ajudado a viver tanto o desafio de criar um filho adolescente quanto levar a sério a minha vocação ao casamento, ou estar diante do trabalho de uma maneira mais bonita. Eu gostaria de entender, porque me pareceu – e posso estar enganado – que quando você colocou o acento no método, na minha vida eu experimento uma coisa que vem antes. Antes de qualquer método – sem tirar a sua riqueza –, tem o amor gratuito de alguém que não me abandona mesmo que eu decida não segui-lo. Não sei se está em contraposição, eu gostaria que você me ajudasse a dar esse passo.

Bracco: Uma das coisas mais importantes que Jesus disse, a primeira coisa que Ele disse sobre si foi: “Eu sou o caminho”. Antes de dizer que é a verdade e a vida, Ele diz que é o caminho. Ele disse: eu lhe dou o caminho, para que me encontre sempre. Porque se não temos um caminho, estamos perdidos. Por isso, Giussani, quando entrou na escola, qual foi a primeira coisa que disse? “Eu vim aqui para ensinar um método”. Ele não disse: “Eu vim aqui para falar de Cristo porque vocês precisam conhecê-Lo, porque é a coisa maior do mundo, é a verdade, é a vida...”. Não! “Eu vim aqui para ensinar um método”. E se olhamos para os nossos amigos, e também para nós, para os jovens, os adolescentes, todos esses problemas que estamos vendo, qual é o grito que carregam? Qual é o grito que todos têm dentro? Alguém que ensine um método para viver. Precisamos ver o que isso significa para que não seja abstrato. O método não é algo abstrato. É alguém que me ensina a olhar sempre para a minha humanidade, a não ter medo. Porque se eu não tenho a minha humanidade viva, não tenho o detector para ver Cristo que passa e responde.

Este é o método que aprendemos: alguém que nos ensina os passos para reconhecer Cristo na realidade, nas coisas. Carrón, a um certo ponto, na Introdução dos Exercícios, diz: “E então surge a pergunta: por que diminui o interesse...” [Eu, que encontrei Cristo, que é uma coisa gratuita, que sempre vem antes, mesmo que eu não siga o método, mesmo que eu erre o método, mesmo que eu não faça nada, Cristo vem e me salva. É gratuito]. “(...) Por que diminui o interesse, ao ponto de sentirmos Cristo distante do nosso coração? Por que o crescimento não aumentou a familiaridade com Ele? Porque não basta a espontaneidade – sempre nos diz Dom Giussani –, porque crescer não é um processo espontâneo: é preciso um empenho da liberdade, é preciso um caminho, como foi para os apóstolos”. A trajetória da convicção que fizeram foi viver esse método que fez crescer neles a certeza. Isso não tira o fato de que Ele continua, com gratuidade, a criar espetáculo para nos agarrar sempre. Mas nós vemos que, quando seguimos um método, é mais fácil conhecê-Lo, a realidade nos fala mais, eu vivo mais, eu olho mais. Se eu não faço silêncio por dois dias, já vejo as coisas de modo diferente. Esse é o método. Não é o método que me salva. “Eu lhe dou o método para me encontrar sempre”. O método é Cristo. Estou sentindo como isso é urgente para nós. Imaginem quando vamos para a Escola de Comunidade, se vamos para aprender mais isso. E se minha Escola de Comunidade não consegue, ou tem dificuldade, e há outra onde está acontecendo isso, eu deixo tudo e vou para lá. Essa é uma graça para quem está lá e para outros porque a sua contribuição pode ser a de alguém que tem sede disso. Porque bem-aventurados são aqueles que têm sede, não aqueles que já sabem tudo. Obrigado!

(texto não revisado pelos autores)